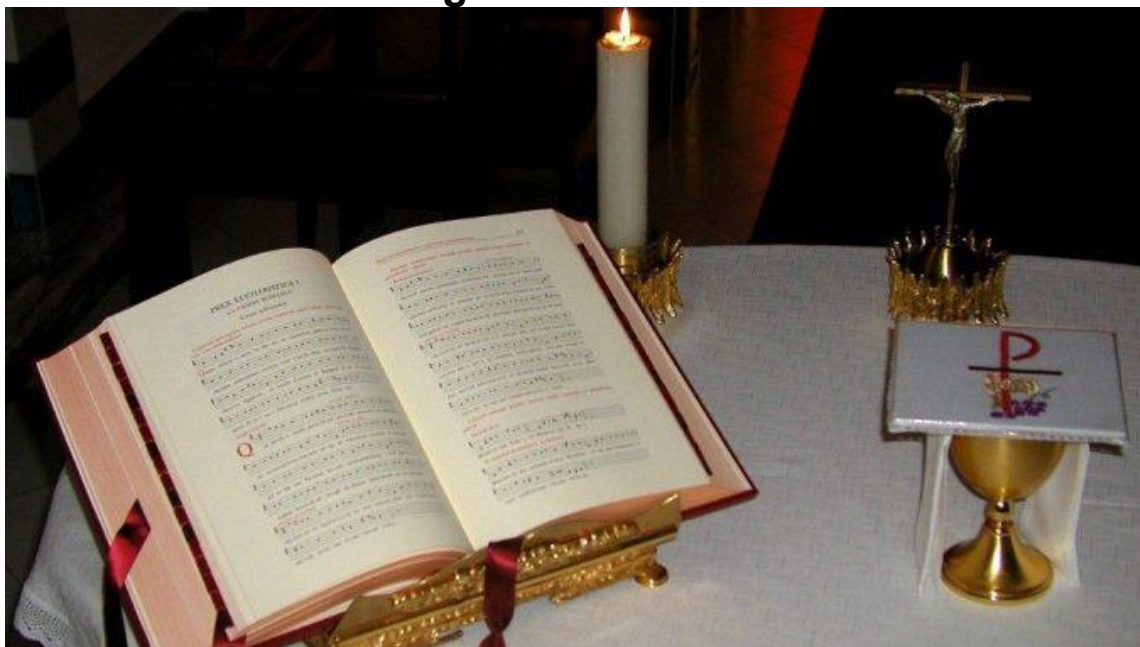


Domingo III do Tempo Comum – Ano A – 25.01.2026

7º Domingo da Palavra de Deus



Com a Carta apostólica sob forma de Motu Proprio *Aperuit Illis*, o Papa Francisco instituiu o Domingo da Palavra de Deus que deve celebrar-se no III Domingo do Tempo Comum como uma jornada de «*celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus*». Cada comunidade com criatividade pastoral e atenta às diversas exigências e realidades encontrará a forma de viver este *Domingo* como um dia solene. Deste modo, cada comunidade poderá valorizar este dia na celebração litúrgica de diversos modos, contudo, poderá ser importante encontrar momentos de preparação e celebração deste dia fora da celebração eucarística com um momento de formação sobre a Palavra de Deus ou a *Lectio Divina* comunitária. No início do Tempo Comum poderia ser também oportuna uma reflexão bíblica acerca do evangelista deste ano litúrgico. *in Voz Portucalense*

Viver a Palavra

A Liturgia da Palavra deste Domingo convida-nos a olhar a nossa vida como um lugar dinâmico, onde seguir Jesus implica uma permanente conversão que abre a nossa vida ao desígnio de salvação que Deus nos oferece em Cristo.

As trevas são vencidas pela luz esplendorosa que brota do Coração de Deus: «*o povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz se levantou*». Na verdade, peregrinando os trilhos da história são muitas as sombras que nos assaltam no caminho, contudo, elas não têm a última palavra. No provisório da dor e do sofrimento, irrompe a certeza incorruptível de que o amor de Jesus e a Sua luz são mais fortes que as trevas e sombras que nos envolvem. Uma doença, a partida de alguém que amamos, a falta de esperança diante das dificuldades e tantos outros desafios e obstáculos fazem parte da nossa condição humana e esta difícil e exigente condição seriam catastróficas se estivéssemos abandonados unicamente à nossa capacidade humana. Somos obra das mãos de Deus, salvos e redimidos pelo amor de Jesus Cristo e olhamos a nossa existência e as vicissitudes da história com o olhar amoroso Daquele que por nós morreu e ressuscitou.

Como outrora Simão e André, Tiago e João também nós contemplamos Jesus que atravessa o nosso quotidiano, vem ao nosso encontro, às fadigas e canseiras das nossas redes tantas vezes vazias. Irrupendo no concreto da nossa história, Jesus propõem-nos um novo rumo e um novo sentido: «*Vinde e segui-Me*».

Parece tão vaga a proposta. Contudo, seguir Jesus é a escolha decisiva que inaugura um tempo novo na nossa existência. Não quer dizer que por seguirmos Jesus as dificuldades deixarão de fazer parte da nossa vida. Contudo, elas ganharão uma forma diferente, pois diante das contingências da nossa história, está Jesus, Aquele que quando nos toma pela mão nunca nos abandona.

No texto do Evangelho que escutamos neste Domingo estão intrinsecamente unidos o seguimento e a conversão. Seguir Jesus implica entrar num processo de permanente conversão e, por isso, sentimos ecoar no nosso coração as primeiras palavras de Jesus dirigidas à humanidade no Evangelho de S. Mateus: «*Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos Céus*».

A proximidade de Deus revelada em Jesus Cristo impele-nos a uma permanente revisão de vida, onde o reconhecimento da nossa condição frágil e pecadora em nada nos inferioriza, mas se torna precisamente a

oportunidade de crescimento e amadurecimento rumo à santidade, ao cumprimento das promessas do Reino que já está no meio de nós, mas que ainda não se realizou em plenitude.

Sem qualquer complexo de inferioridade reconhecemos que não somos perfeitos e tomamos consciência que esta fragilidade e debilidade são um caminho e um lugar constante de mudança e de aperfeiçoamento. Por isso, a conversão e o arrependimento dão lugar à salvação. A conversão é a arte de afinar o coração com a vontade de Deus e, neste permanente afinar do coração, encontramos o caminho da verdadeira felicidade.

Contudo, a tarefa da conversão e do seguimento de Jesus não é uma aventura isolada. Jesus convoca estes primeiros discípulos dois a dois, recordando que não partimos sozinhos, mas partilhando a aventura da fé com tantos outros homens e mulheres que partilhando a mesma condição frágil e pecadora, partilham também a certeza de terem encontrado em Jesus Cristo Aquele que dando um sentido novo à sua vida, os impele a deixar tudo, para abrirem o coração à novidade do Seu Evangelho. Por isso, Paulo escrevendo à comunidade de Corinto recorda que a comunhão e unidade devem ser a marca distintiva daqueles que querem seguir Jesus. Convocados pelo Seu amor, partimos unidos para que a nossa fraternidade seja o mais belo anúncio de que a Luz que despontou nas trevas nos aponta o horizonte luminoso da salvação que nos é oferecido em Jesus Cristo. *in Voz Portucalense*

+++++

Estamos no Ano Litúrgico – Ano A – onde seremos acompanhados pelo evangelista Mateus. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do Ano Litúrgico pôde ser acompanhado como uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2025/2026 - acompanhamos o evangelista Mateus** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura. ~

LEITURA I – Isaías 8,23b-9,3

**Assim como no tempo passado
foi humilhada a terra de Zabulão e de Neftali,
também no futuro será coberto de glória
o caminho do mar, o Além do Jordão, a Galileia dos gentios.
O povo que andava nas trevas viu uma grande luz;
para aqueles que habitavam nas sombras da morte
uma luz se levantou.
Multiplicastes a sua alegria,
aumentastes o seu contentamento.
Rejubilam na vossa presença,
como os que se alegram no tempo da colheita,
como exultam os que repartem despojos.
Vós quebrastes, como no dia de Madiã,
o jugo que pesava sobre o povo,
o madeiro que ele tinha sobre os ombros
e o bastão do opressor.**

CONTEXTO

O profeta Isaías (autor dos caps. 1-39 do Livro de Isaías) nasceu por volta do ano 760 a. C., no tempo do rei Ozias. De origem nobre, parece ter vivido em Jerusalém.

Isaías sentiu-se chamado por Deus à vocação profética quando tinha cerca de vinte anos. Sabemos também que casou e teve filhos. Desconhecemos o nome da esposa, conhecida somente como “a profetiza” (Is 8,3).

O carácter de Isaías pode conhecer-se suficientemente através da sua obra. É um homem decidido, sem falsa modéstia, que se oferece voluntariamente a Deus no momento do seu chamamento vocacional. Seguramente, faz parte dos notáveis do país: participa nas decisões relativas ao Reino, falando com autoridade aos altos funcionários (cf. Is 22,15) e mesmo aos reis (Is 7,10). É enérgico e nunca se deixa desanimar. É inimigo da anarquia (cf. Is 3,1-9); mas isso não significa que apoie as classes altas. Na verdade, os seus maiores ataques

são dirigidos aos grupos dominantes: autoridades, juízes, latifundiários, políticos. É duro e irônico com as mulheres da classe alta de Jerusalém (cf. Is 3,16-24; 32,9-14). Defende com paixão os oprimidos, os órfãos, as viúvas (cf. Is 1,17), o povo explorado e desencaminhado pelos governantes (cf. Is 3,12-15).

Os últimos oráculos de Isaías são de 701 ou, talvez, de 689 a. C., altura em que o rei assírio Senaquerib invadiu Judá e pôs cerco a Jerusalém. Isaías deve ter morrido poucos anos depois, embora não saibamos ao certo quando. Um apócrifo judeu do séc. I d. C. – “Ascensão de Isaías” – afirma que foi assassinado pelo rei ímpio Manassés.

Em 721 a.C. o rei assírio Sargão II invadiu o reino do Norte (Israel), tomou a Samaria e deportou uma parte da sua população para a Assíria. As melhores terras da Samaria foram ocupadas por colonos assírios que se instalaram na região e se misturaram com a população local. Esse acontecimento histórico inaugurou uma época de desolação e de trevas para as tribos do Povo de Deus que ocupavam a região setentrional da Palestina, nomeadamente os antigos territórios de Zabulão e de Neftali, e toda a região da Galileia.

No sul do país, Ezequias (716-687 a.C.) subiu ao trono de Judá alguns anos depois da queda da Samaria. Era a época em que o poder militar assírio se impunha em toda a região. Durante algum tempo, Ezequias evitou envolver-se nos jogos da política internacional, a fim de não proporcionar aos assírios pretextos para invadir Judá. Mas em 705 a.C., após a morte de Sargão II, Ezequias, desdenhando as indicações do profeta Isaías (para quem as alianças políticas com os povos estrangeiros eram sintoma de grave infidelidade para com Javé, pois significavam colocar a confiança e a esperança nos homens), enviou embaixadas ao Egito, à Fenícia e à Babilónia, procurando consolidar uma frente política e militar capaz de lutar contra os desígnios imperialistas dos assírios. Senaquerib, o sucessor de Sargão II no trono assírio, dispôs-se imediatamente a castigar as nações que desafiavam o poderio assírio. Tendo vencido sucessivamente os membros da coligação, invadiu finalmente Judá, devastou o país e pôs cerco a Jerusalém (701 a.C.). O rei Ezequias teve de submeter-se e ficou a pagar um pesado tributo à Assíria.

Nesta circunstância, o profeta Isaías assumiu uma atitude bastante crítica em relação aos dirigentes de Judá, considerando-os incapazes de governar de forma sensata e de conduzir o povo de Deus em direção à paz e à prosperidade. Desiludido com os líderes humanos, o profeta começou a pensar numa intervenção de Deus que derrotasse os opressores e devolvesse a Israel e a Judá a liberdade e a paz. O texto que a liturgia deste terceiro domingo comum nos propõe como primeira leitura poderia entender-se neste contexto. *in Dehoniano*

INTERPELAÇÕES

- Os dramáticos acontecimentos históricos da época de Isaías não foram um caso isolado. Infelizmente, a história dos homens – a mais recuada, mas também a dos nossos dias – regista a cada instante situações intoleráveis de opressão, de injustiça, de violência, que trazem sofrimento a milhões de inocentes, vítimas da prepotência e da ambição dos poderosos. No meio de tudo isto, onde está Deus? Ele passa ao lado do sofrimento dos seus filhos que sofrem sem lhes fazer justiça? Ele deixa que os grandes, os violentos, os poderosos, atuem impunemente? Deus fica indiferente quando os seus queridos filhos gemem sob o peso insuportável da maldade de outros homens? O profeta Isaías tinha a certeza de que Deus se importa com o sofrimento dos seus filhos e intervirá para lhe pôr cobro. O oráculo de Isaías que ouvimos hoje deixa-nos essa garantia. Deus sempre esteve e sempre estará do lado dos oprimidos, dos injustiçados, dos sofredores. Talvez Deus, por razões que só Ele sabe, não atue logo e demore algum tempo a repor a justiça; talvez nós, que queremos sempre tudo “para ontem”, nem sempre consigamos entender os vagares de Deus; mas Deus – o Deus que preside à história e que não ignora o sofrimento dos seus filhos – há de atuar e mudar as trevas em luz, a opressão em liberdade, a morte em vida. Acreditamos nisto? É com essa certeza que enfrentamos as “sombras” do nosso tempo?
- O nosso texto não explica como é que Deus vai atuar no sentido de restabelecer a justiça e mudar as trevas em luz (o oráculo de Isaías irá dizê-lo mais à frente, nuns versículos que a leitura deste domingo não conservou: Deus irá enviar à humanidade um “menino”, o “Príncipe da paz”, que inaugurará um reino novo de prosperidade e de vida para todos os homens – cf. Is 9,5-6). Nós, contudo, percebemos logo que Jesus, o Filho de Deus que veio ao encontro dos homens para nos anunciar e propor o “Reino de Deus”, tem um papel fundamental no projeto de Deus. Ele veio acender uma luz que ilumina as trevas que cobrem a Galileia e o resto do mundo. Porque é que, dois mil anos depois de Jesus, a luz que Jesus trouxe ainda não ilumina as sombras que cobrem o mundo? Jesus não foi claro quando nos disse o que devemos fazer para vencer a violência, a injustiça, a morte? Será que temos levado a sério tudo o que Jesus nos ensinou? Depois de Deus ter feito tudo o que fez para nos indicar o caminho da justiça, do amor e da paz, podemos culpá-lo pelas sombras que ameaçam o nosso mundo?
- Jesus reuniu à sua volta um grupo de discípulos e ensinou-os a viver na lógica do Reino de Deus. Mostrou-lhes os valores sobre os quais, segundo Deus, deve assentar a ordem do mundo – a justiça que traz paz, o perdão sem limites, o serviço simples e humilde, o amor sem fronteiras, o dom da

própria vida em benefício de todos – e enviou-os a anunciar a todos os homens o Reino de Deus. Nós, que aderimos a Jesus, que nos dispusemos a segui-l'O, que aceitamos ser suas testemunhas, temos sido arautos do Reino de Deus? Esforçamo-nos, dia a dia, por tornar realidade esse mundo novo de justiça, de amor e de paz? Como lidamos com as situações de injustiça, de opressão, de conflito, de violência: com a indiferença de quem sente que não tem nada a ver com isso, ou com a inquietação de quem se sente responsável pela instauração do Reino de Deus entre os homens?

- O profeta Isaías conhecia bem os notáveis de Judá: frequentava os ambientes da corte e participava nas decisões relativas ao Reino; falava com autoridade aos altos funcionários e mesmo aos reis. No entanto descobriu, a certa altura, que os homens são falíveis, que os dirigentes se equivocam, que as decepções esperam-nos ao virar da esquina, que nem tudo o que reluz é ouro. Isaías descobriu que só Deus é absoluto, só Deus não falha; é n'Ele e só n'Ele que podemos colocar, com plena certeza, a nossa confiança e a nossa esperança. Trata-se de uma boa dica para nós. Em quem ou em quê colocamos a nossa confiança? Em quem ou em quê assentamos as nossas vidas? Onde está a “rocha segura” a que podemos agarrar-nos sem vacilar no meio das tempestades e das crises que temos de enfrentar ao longo do nosso caminho na terra? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 26 (27)

Refrão 1: O Senhor é minha luz e salvação.

Refrão 2: O Senhor me ilumina e me salva.

O Senhor é minha luz e salvação:

a quem hei de temer?

O Senhor é protetor da minha vida:

de quem hei de ter medo?

Uma coisa peço ao Senhor, por ela anseio:

habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida,

para gozar da suavidade do Senhor

e visitar o seu santuário.

Espero vir a contemplar a bondade do Senhor

na terra dos vivos.

Confia no Senhor, sê forte.

Tem confiança e confia no Senhor.

LEITURA II – 1 Coríntios 1,10-13.17

Irmãos:

Rogo-vos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo,

que faleis todos a mesma linguagem

e que não haja divisões entre vós,

permanecendo bem unidos,

no mesmo pensar e no mesmo agir.

Eu soube, meus irmãos, pela gente de Cloé,

que há divisões entre vós, que há entre vós quem diga:

«Eu sou de Paulo», «eu de Apolo»,

«eu de Pedro», «eu de Cristo».

Estará Cristo dividido?

Porventura Paulo foi crucificado por vós?

Foi em nome de Paulo que recebestes o Batismo?

Na verdade, Cristo não me enviou para batizar,

mas para anunciar o Evangelho;

não, porém, com sabedoria de palavras,

a fim de não desvirtuar a cruz de Cristo.

CONTEXTO

Paulo chegou a Corinto por volta do ano 50, no decurso da sua segunda viagem missionária, depois de ter passado por Tessalónica, Bereia e Atenas. Começou a trabalhar em casa de Priscila e Áquila, um casal de judeo-cristãos, e aos sábados usava da palavra na sinagoga. Como resultado da sua pregação, nasceu a comunidade cristã de Corinto. Paulo ficou na cidade cerca de dezoito meses (entre os anos 50 e 52).

A dada altura, porém, os líderes da comunidade judaica reprovaram o testemunho que Paulo dava sobre Jesus e expulsaram-no da sinagoga (cf. At 18.6). Paulo decidiu então dedicar-se à evangelização dos pagãos. Os judeus, no entanto, acusaram-no de atividades contrárias à fé judaica e levaram-no diante de Galião, procônsul da Acaia, para ser julgado. Galião, a quem essas questões religiosas típicas dos judeus não

interessavam, recusou-se a tomar posição. De Corinto, Paulo foi para Éfeso e de lá voltou a Antioquia da Síria, a cidade de onde tinha partido em missão.

Paulo continuou, contudo, em contacto com a comunidade cristã de Corinto. Sempre solícito, sempre interessado, Paulo recebia notícias e inteirava-se regularmente das dificuldades e problemas que os seus amigos de Corinto enfrentavam.

Mais tarde, durante a sua terceira viagem missionária (anos 53-58), possivelmente quando estava em Éfeso, Paulo recebeu notícias alarmantes (levadas “pela gente de Cloé” – 1Co 1,11) sobre a comunidade de Corinto. Após a sua partida da cidade, tinha aparecido em Corinto um pregador cristão – um tal Apolo, judeu de Alexandria, convertido ao cristianismo. Era eloquente, versado nas Escrituras e foi de grande utilidade para a comunidade na polémica com os judeus. Na pregação, Apolo era mais brilhante do que Paulo – conhecido pela sua falta de eloquência (cf. 2Cor 10,10). Formaram-se partidos na comunidade (embora, segundo parece, Apolo não favorecesse essa divisão): uns admiravam Paulo, outros Cefas (Pedro), outros Apolo (cf. 1Cor 1,12). Os cristãos de Corinto, ainda imbuídos de uma mentalidade pagã, transplantaram para a comunidade o esquema das escolas filosóficas gregas, cada uma com os seus mestres e os seus adeptos. Neste quadro, multiplicavam-se as divisões, os conflitos, as discussões que deixavam feridas abertas na comunidade. Mais grave ainda: o cristianismo corria o risco de deixar de ser o seguimento de Jesus Cristo, para se tornar uma proposta de “saber” cuja validade dependia do poder de sedução dos mestres que “vendiam” aos próprios adeptos as suas ideias. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Paulo de Tarso, o “apóstolo” que levou o Evangelho de Jesus ao encontro do mundo greco-romano, tinha ideias absolutamente claras sobre aquilo que é decisivo na experiência cristã: o encontro, a adesão, o seguimento de Jesus Cristo. Isso é algo que há muito assumimos? Talvez. Isso é algo que temos sempre presente diante dos olhos e que marca cada passo que damos no caminho da fé? Talvez não. Por vezes falamos mais de leis canónicas e de rituais litúrgicos do que da Palavra de Jesus; por vezes preocupamo-nos mais com a organização de uma estrutura paroquial eficiente do que com o conhecimento e a escuta de Jesus; por vezes confiamos mais em líderes religiosos ou políticos do que em Jesus; por vezes ligamos a nossa experiência de fé mais a figuras humanas (veneráveis e santas, claro, mas humanas) do que a Jesus. Cristo é, de facto, a nossa referência fundamental? É à volta d’Ele e da sua proposta de vida que a nossa experiência de fé se constrói? Os erros e as falhas das pessoas que encontramos na comunidade cristã são para nós razão para nos afastarmos do caminho da fé? A nossa participação na vida da comunidade eclesial é condicionada ao facto de “estar lá” determinada pessoa?
- Paulo lembra aos cristãos de Corinto – e a nós também – que acreditar em Cristo e fazer parte do “Corpo” de Cristo (a Igreja) é incompatível com os “partidos”, as querelas, as disputas, os ciúmes, os conflitos que fraturam a comunidade e deixam feridas incuráveis no tecido comunitário. Poderá Cristo estar dividido? Os conflitos e as divisões serão compatíveis com a proposta de Jesus? As guerras e rivalidades dentro de uma comunidade cristã não serão um sinal evidente de que estamos a ser conduzidos não por Cristo, mas sim pelos nossos interesses, pelo nosso orgulho, pela nossa vaidade, pela nossa autossuficiência, pelo nosso egoísmo? A nossa comunidade cristã dá testemunho de harmonia, de comunhão, de entendimento, de concórdia, de solidariedade, de amor verdadeiro? Alguma vez fomos, na comunidade, fator de desunião, de conflito, de divisão?
- A Igreja de Jesus é santa e pecadora. As pessoas que a constituem são chamadas à santidade, mas experimentam a cada instante a fragilidade inerente à condição humana. Por isso, casos de abuso de poder, de prepotência, de culto da personalidade, de ambição, podem aparecer, aqui e ali, em pessoas a quem foram atribuídas funções de responsabilidade na animação das comunidades cristãs. Embora compreendamos as falhas que a esse nível possamos testemunhar, convém também saber que isso não é “normal” ou “aceitável”. Ninguém tem o direito de se apresentar como “dono da comunidade” e de tratar os irmãos com sobrançeria; ninguém tem o direito de desviar o foco de Cristo para o dirigir para si próprio. Como vemos essas situações? Como lidamos com elas? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 4,12-23

Quando Jesus ouviu dizer

que João Baptista fora preso,

retirou-Se para a Galileia.

Deixou Nazaré e foi habitar em Cafarnaum,

terra à beira-mar, no território de Zabulão e Neftali.

Assim se cumpria o que o profeta Isaías anunciara, ao dizer:

«Terra de Zabulão e terra de Neftali,

estrada do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios:
o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz;
para aqueles que habitavam na sombria região da morte,
uma luz se levantou».

Desde então, Jesus começou a pregar:
«Arrependei-vos, porque o reino de Deus está próximo».

Caminhando ao longo do mar da Galileia,
viu dois irmãos:

Simão, chamado Pedro, e seu irmão André,
que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores.

Disse-lhes Jesus: «Vinde e segui-Me
e farei de vós pescadores de homens».

Eles deixaram logo as redes e seguiram-n'O.

Um pouco mais adiante, viu outros dois irmãos:

Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João,
que estavam no barco, na companhia de seu pai Zebedeu,
a consertar as redes.

Jesus chamou-os

e eles, deixando o barco e o pai, seguiram-n'O.

Depois começou a percorrer toda a Galileia,

ensinando nas sinagogas,

proclamando o Evangelho do reino

e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo.

CONTEXTO

Depois de ter recebido o batismo no rio Jordão, Jesus permaneceu algum tempo no deserto, talvez ligado a João Batista. O tempo passado no deserto foi, para Jesus, um tempo de preparação para a missão. É natural que, durante esse tempo, Jesus tenha refletido sobre a missão que o Pai Lhe confiava e tenha definido as grandes linhas do seu ministério. Sentiu que o tempo de preparação para a intervenção de Deus, de que João falava, tinha terminado e que começava um tempo novo, o tempo da salvação. Jesus achava que essa nova etapa da história da salvação estava ligada à sua pessoa e ao seu ministério: Deus enviava-O a anunciar a presença de Deus na história dos homens – o “Reino de Deus”.

Então, Jesus deixou o deserto onde tinha passado algum tempo e deslocou-se para a terra habitada de Israel. A salvação de Deus ia ao encontro dos homens nos lugares onde eles viviam e trabalhavam. Transformado em profeta itinerante, Jesus pretendia percorrer as aldeias e vilas da Galileia para anunciar a todos a chegada de Deus, desse Deus misericordioso e bom, que vinha oferecer uma vida mais digna e mais humana a todos os seus queridos filhos. Estávamos no ano 28 e Jesus teria uns trinta e dois anos.

Jesus dirigiu-se para a Galileia, a região que conhecia bem pois aí tinha passado a maior parte da sua vida. A Galileia tinha a vantagem de ficar longe de Jerusalém, havendo por isso menos controle por parte das autoridades religiosas judaicas. Jesus, no entanto, não se instalou na pequena aldeia de Nazaré, onde vivia a sua família, mas estabeleceu-se em Cafarnaum, cidade situada na margem do lago de Tiberíades, também chamado Mar da Galileia. A cidade tinha entre 1.000 e 1.500 habitantes. Parte dos habitantes de Cafarnaum viviam da agricultura; os outros eram pescadores, comerciantes e artesãos. Em Cafarnaum funcionava uma alfândega onde os funcionários – os cobradores de impostos – controlavam o movimento de uma importante via comercial pela qual chegavam mercadorias de grande valor vindas do oriente. A cidade contava ainda com uma guarnição romana constituída por cerca de cem soldados. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Hoje como ontem, há sempre homens e mulheres que habitam “na sombria região da morte”. São as vítimas da prepotência, da maldade e da ambição dos poderosos; são os condenados à fome, à violência, à miséria, à escravidão; são aqueles que deixamos para trás, abandonados nas bermas da estrada da vida; são os despojados dos seus direitos e da sua dignidade pelo egoísmo dos seus irmãos; são aqueles que as sociedades e as igrejas ignoram e marginalizam; são aqueles que se sentem malditos e indignos, abandonados por Deus e pelos homens... A vida deles estará perdida? Deus não tem nada para lhes oferecer? É a esses que, em primeiro lugar, é dirigida a Boa Notícia que Jesus apregoou por toda a Galileia e que mandou os seus discípulos espalhar por todo o mundo: “Deus não se conforma com o vosso sofrimento e não vos abandona; Ele vem ao vosso encontro para mudar a vossa triste situação e para vos oferecer a possibilidade de viverdes uma vida nova, uma vida com sentido; Deus vai atuar para fazer nascer um mundo novo, um mundo que seja construído conforme o seu projeto”. Talvez este anúncio, diante da realidade que vemos todos os

dias, nos pareça apenas uma bela quimera sem concretização... Mas Jesus não mente: a verdade é que Deus está empenhado em fazer aparecer um mundo mais justo, mais fraterno, mais humano, onde os seus queridos filhos possam viver felizes e em paz. Acreditamos que Deus está a trabalhar para fazer nascer, aqui e agora, o Reino de Deus? O que falta para que o projeto de Deus se concretize e mude a face da terra? Aceitamos ser colaboradores de Deus na construção desse mundo novo?

- Jesus enlaçou o anúncio da chegada do Reino com um convite à conversão. Ele tinha razão. O Reino de Deus só será possível se fizermos uma “inversão de marcha” na nossa vida, se mudarmos os nossos esquemas e comportamentos, a nossa maneira de pensar, a nossa forma de agir, o nosso olhar sobre o mundo e sobre os nossos irmãos, os valores que colocamos no centro da nossa existência... Convertermo-nos implica despirmo-nos do egoísmo, da ambição mesquinha, da vaidade, dos tiques de autoritarismo e de intolerância; implica vencermos o comodismo, a instalação, a preguiça, a indiferença face às necessidades dos irmãos; implica a superação da autossuficiência, do isolamento, do orgulho que nos impedem de ver os nossos irmãos sofredores; implica a renúncia a qualquer tipo de violência, de dominação do outro, de compromisso com a injustiça; implica deixarmos de colocar no centro da nossa vida os bens efêmeros; implica renunciarmos à mentira, à corrupção, à desonestidade, às trevas... O que é que na nossa vida, nas nossas opções, nos nossos comportamentos constitui um obstáculo à chegada do Reino de Deus?
- Jesus, pouco depois de começar a propor o Reino de Deus, encontrou Simão Pedro, André, Tiago e João nas margens do Mar da Galileia, junto de Cafarnaum, e convidou-os a segui-l’O. Começou assim a constituir-se, de forma muito modesta, a comunidade do Reino de Deus. Neste “seguimento” de Jesus está o núcleo central que define a experiência cristã. Ser cristão não é confessar um “credo”, ou aderir a uma proposta moral, ou cumprir determinados ritos, ou recitar determinadas fórmulas; mas é, antes de mais, seguir atrás de Jesus, escutá-l’O a cada instante, inspirar-se n’Ele, viver ao seu estilo; seguir Jesus é acreditar no que Ele acreditava, interessar-se pelas coisas que O interessavam, defender as causas que Ele defendia, olhar os homens como Ele olhava, amar as pessoas como Ele amava, confiar em Deus como Ele confiava... Estamos disponíveis para acolher o chamamento de Jesus e para segui-l’O sem reservas, com a mesma decisão e a mesma convicção de Pedro, André, Tiago e João? O nosso caminho de fé é um caminho “de discípulos”, um caminho que nos faz avançar tendo sempre Jesus como referência? Como é que vivemos, hoje, o seguimento de Jesus?
- Quando chamou os seus primeiros discípulos e os convidou a segui-l’O, Jesus disse-lhes que contava com eles para serem “pescadores de homens”. O que é que Ele queria dizer? Há muita gente mergulhada num imenso mar de sofrimento, de angústia, de medo, de injustiça, de privações, de morte. Ontem como hoje, é tarefa dos discípulos de Jesus libertá-los desse mar, devolvê-los à vida, curá-los das suas feridas, abrir-lhes as portas da esperança. Trata-se de continuar a missão de Jesus, que andava pela Galileia “curando todas as doenças e enfermidades entre o povo”; trata-se de construir o Reino de Deus”, de fazer nascer um mundo mais justo, mais são, mais fraterno, mais solidário, mais belo e mais feliz. Nós, os que escutamos o chamamento de Jesus e nos dispusemos a segui-l’O, estamos disponíveis para colaborar com Ele na construção do Reino de Deus e para sermos “pescadores de homens”, arautos da salvação de Deus? *in Dehonianos*.

Para os leitores

Na **primeira leitura**, deve ter-se em atenção a pronúncia dos nomes das regiões «*Zabulão*», «*Neftali*» e «*Madiã*». Além disso, a proclamação desta leitura deve ser marcada pela alegria e esperança da luz que desponta nas trevas que submergem todos aqueles que estão prisioneiros da morte, da injustiça, do sofrimento, do desespero.

Na **segunda leitura**, deve ter-se em atenção as frases longas e com diversas orações que requerem um especial cuidado nas pausas e respirações para uma leitura mais articulada do texto. Devem ter presente o tom exortativo que marca todo o texto e uma correta pronúncia das frases interrogativas, evitando a acentuação interrogativa das frases apenas no final de cada oração.